

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

6 abr 2017 | O Globo

Ataque químico marca novo ponto de tensão na Síria

A opinião pública internacional continua estarrecida diante das imagens da população civil atingida por um ataque com armas químicas, na terça-feira, na cidade rebelde de Khan Sheikhun, na Síria, executado por tropas fiéis ao ditador Bashar al-Assad contra rebeldes. O número de vítimas ainda está sendo contabilizado, mas já foram confirmados 72 mortos, entre eles 20 crianças. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as vítimas apresentavam sintomas consistentes com exposição a agentes químicos organofosforados, categoria que inclui agentes neurotóxicos.

O presidente americano, Donald Trump, classificou o ataque como uma afronta à Humanidade, que não pode ser ignorada pelo "mundo civilizado". O Conselho de Segurança da ONU foi convocado em caráter emergencial, numa reunião em que EUA, França e Reino Unido apresentaram um esboço de um comunicado, condenando o ataque e cobrando minuciosa investigação. Mas a iniciativa foi vetada pela Rússia, cujo presidente, Vladimir Putin, é aliado de Assad.

O Ministério da Defesa da Rússia justificou o veto afirmando que a tragédia foi causada por um bombardeio, que atingiu um arsenal de armas químicas dos rebeldes, que lutam contra Assad. Trata-se de uma desculpa já usada por Moscou em outras ocasiões e que não angaria muita confiança por parte da opinião pública.

Após seis anos de guerra civil, a Síria se tornou hoje o maior drama humanitário do século XXI. Cerca de 320 mil pessoas morreram, a maioria civis, e o conflito gerou um êxodo humanitário, com centenas de milhares de refugiados, que fogem de um país destruído por rivalidades, que envolvem atores locais, regionais e superpotências.

Em 2013, durante a gestão de Obama, o governo de Assad foi acusado por países do Ocidente de usar gás venenoso em Ghouta Oriental, um subúrbio de Damasco. Na ocasião, pelo menos 1.400 pessoas morreram e mais de três mil, a maioria civis, ficaram feridas. A reação do Ocidente levou o governo Assad a se comprometer a destruir todo seu arsenal químico, já usado contra a minoria curda e outros insurgentes.

Trump, que durante a campanha eleitoral criticou a forma como Obama lidou com Assad, afirmou que os EUA poderão agir unilateralmente, caso a ONU não puna o governo da Síria. A embaixadora dos EUA na ONU, Nikki Haley, criticou o governo russo por não controlar o aliado sírio e apresentou, na reunião do Conselho de Segurança, fotos das crianças mortas no ataque.

A ameaça americana adicionou um tom de tensão na tragédia, considerando-se o estilo pouco diplomático do novo presidente, e também por insinuações de membros do governo de que os EUA preparam uma ação militar na região. É, de fato, necessário pressionar Assad, mas deve-se evitar iniciativas que piorem a tragédia síria.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)